

## 6

## CIVILIZAÇÃO ORIENTAL vs CIVILIZAÇÃO OCIDENTAL

Baseado em entrevistas com a mídia europeia entre 20-22 de setembro de 2001, dadas a Marili Margomenou para a Alpha TV Station (Grécia), Miguel Mora para *El País* (Espanha) e Natalie Levisalles para *Liberación* (França)

*[Nota do Editor: Como muitas destas perguntas foram escritas por jornalistas que falam o inglês como um segundo idioma, em alguns casos as frases foram editadas para melhorar a clareza, sempre com todo o esforço de preservar o significado pretendido.]*

***P: Depois do ataque aos EUA, o Secretário de Estado, Colin L. Powell, disse que o governo dos EUA deverá revisar as leis sobre terrorismo, incluindo a lei de 1976, que proíbe o assassinato de estrangeiros. A União Europeia também deve pedir uma nova lei contra o terrorismo. Como poderá a reação aos atentados redundar numa restrição às liberdades? Por exemplo, será que o terrorismo dá ao governo o direito de nos colocar sob vigilância, com o objetivo de seguir suspeitos e prevenir-se contra futuros ataques?***

CHOMSKY: Uma resposta muito abstrata pode levar a mal-entendidos; assim, vamos considerar um exemplo bastante típico e atual do que os projetos visando ao relaxamento de restrições da violência do Estado podem significar na prática. Nesta manhã (21 de setembro), o *New York Times* publicou um editorial de autoria de Michael Walzer, intelectual respeitado e considerado uma liderança moral. Ele convocou "uma campanha ideológica que abarcaria todos os argumentos e justificativas do terrorismo e as repudiaria", já que, ao que ele saiba, não há argumentos que possam defender nem justificar o tipo de terrorismo que se tem em mente, pelo menos da parte de alguém suscetível à razão. De fato, isso traduz o apelo para que se rejeitem os esforços para explorar as razões que estão por trás dos atos terroristas dirigidos contra países que ele apóia. Ele, então, prossegue, de modo convencional, mencionando a si mesmo entre aqueles que fornecem "argumentos e justificativas para o terrorismo", endossando tacitamente assassinatos políticos, especialmente os assassinatos políticos cometidos por Israel Contra os palestinos, a quem Israel acusa de apoiar o terrorismo; nenhuma prova é fornecida nem considerada necessária; e, em muitos casos, mesmo as suspeitas parecem não ter nenhuma base. O inevitável "dano colateral" - mulheres, crianças e outros que estiverem ao redor - é tratado segundo o modelo padrão. Os EUA fornecem os helicópteros de

ataque, já há dez meses, e são esses os aparelhos usados em tais assassinatos.

Walzer põe a palavra "assassinatos" entre aspas, indicando que, segundo seu ponto de vista, o termo é parte do que ele chama de "ardoroso e altamente distorcido relato do bloqueio contra o Iraque e do conflito entre palestinos e israelenses". Ele está se referindo à crítica contra as atrocidades cometidas por Israel, e apoiadas pelos EUA, nos territórios que têm estado sob brutal e cruel ocupação durante os últimos 35 anos e à política posta em prática pelos EUA, que teve como efeito a devastação da sociedade civil do Iraque (ao mesmo tempo que fortalecia Saddam Hussein). Tais críticas são deixadas à margem nos EUA, embora mesmo assim pareçam abusivas para Walzer. Por "relatos distorcidos", talvez: Walzer tenha em mente ocasionais referências à declaração da Secretária de Estado Madeleine Albright, em rede nacional de TV, quando a questionaram sobre as estimativas de que meio milhão de crianças iraquianas havia perecido como consequência das sanções impostas ao país. Ela reconheceu que estas consequências constituíam uma "dura escolha" para a sua administração, mas, segundo disse, "ainda achamos que vale a pena".

Mencionei este simples exemplo, que poderia ser facilmente multiplicado, para ilustrar o significado substantivo do relaxamento das restrições à ação do Estado. Podemos recordar aqui que Estados violentos e homicidas,

muito comumente, têm justificativas para suas ações de "contraterrorismo". Por exemplo, os nazistas, em sua luta contra a resistência dos *partisans*. E tais atos são, comumente, justificados por intelectuais respeitadas.

Não se trata aqui de História Antiga. Em dezembro de 1987, no ápice da preocupação contra o terrorismo internacional, a Assembléia-Geral da ONU aprovou sua principal resolução sobre o problema, condenando a praga nos mais duros termos e conclamando todas as nações a agir com empenho para vencê-la. A resolução foi aprovada (153 a 2) com votos contrários dos EUA e Israel. Apenas Honduras se absteve. O trecho ofensivo diz "que nada, de acordo com a presente resolução, pode, sob qualquer alegação, prejudicar o direito à autodeterminação, liberdade e independência, originários da Carta da ONU, de populações privadas à força desses direitos... particularmente populações sob regimes coloniais e racistas e sob ocupação estrangeira ou outras formas de dominação colonial, nem... o direito de lutar para pôr fim a essa situação, buscar e obter apoio [em consonância com a Carta da ONU e outros princípios das leis internacionais]". Esses direitos não foram aceitos pelos EUA e por Israel, e nem pela sua aliada na época, a África do Sul. Para Washington, o Congresso Nacional Africano era uma organização terrorista, mas a África do Sul não se uniu a Cuba e a Outros países como "Estado terrorista". A

interpretação de Washington do termo "terrorismo", é claro, prevaleceu, na prática, com conseqüências bastante graves.

Hoje há muito falatório a respeito de se formular uma Convenção Extensa contra o Terrorismo - tarefa nada modesta. A razão, meticulosamente posta de lado nos relatórios, é que os EUA não aceitarão nada parecido com a injuriosa resolução de 1987, e nenhum dos seus aliados tampouco aceitará a definição de terrorismo conforme está no *U.S.Code* ou nos manuais do exército, mas apenas se for reformulada para excluir o terrorismo praticado pelas potências e sua clientela.

Por precaução, há muitos fatores a considerar quando pensamos na questão. Mas o registro histórico é de fundamental importância. Num nível demasiadamente genérico, a questão não pode ser respondida. Tudo depende das circunstâncias específicas e das propostas em jogo no momento.

***O Bundestag, na Alemanha, já decidiu que soldados alemães irão se reunir às forças americanas, apesar da discordância de 80% do povo alemão, obtida em uma pesquisa do Forsa Institute. O que você pensa a respeito?***

Por enquanto, as potências européias têm se mostrado hesitantes em aderir à cruzada de Washington, temendo que um assalto em massa contra civis inocentes proporcione a bin

Laden e a outros como ele uma maneira de mobilizar O povo, em sua raiva e desespero, para a causa desses fanáticos, com conseqüências que poderiam ser ainda mais assustadoras.

***O que você pensa de as nações agirem como uma comunidade global em tempo de guerra? Não é a primeira vez que os países se vêem nessa contingência de ou se aliarem, todos, aos EUA, ou serem considerados inimigos. Ocorre agora que o Afeganistão está declarando a mesma coisa.***

A administração Bush apresentou a todas as nações do mundo, simultaneamente, a seguinte escolha: unam-se a nós ou enfrentem a destruição.

*[Nota do Editor: Aqui Chomsky está se referindo a uma citação de uma matéria publicada no New York Times, em 14 de setembro de 2001. Veja p. 72.]*

A "comunidade global" se opõe decididamente ao terror, incluindo aí o terror em massa praticado pelos Estados mais poderosos, e às atrocidades cometidas em 11 de setembro. Mas a "comunidade global" não age. Quando os Estados do Ocidente e os intelectuais usam o termo "comunidade internacional", estão se referindo a eles próprios. Por exemplo, a OTAN, ao bombardear a Sérvia, estava assumindo

um desejo da "comunidade internacional", segundo a consistente retórica do Ocidente, embora qualquer um que não estivesse com a cabeça enfiada num buraco na terra soubesse que aquele ato tinha a oposição da maior parte do mundo, e expressa de maneira bastante incisiva. Aqueles que não suportam os atos praticados pela riqueza e pelo poder não são parte da "comunidade global", assim como "terrorismo" significa, convencionalmente, "terrorismo contra nós e nossos amigos",

Não chega de faro a surpreender que o Afeganistão esteja tentando imitar os EUA, conclamando os muçulmanos a apoiá-lo. A dimensão aqui, é claro, é imensamente menor. Mesmo estando tão distanciados do mundo, os líderes do Talibã, presumivelmente, sabem muito bem que os Estados islâmicos não são seus amigos. Esses Estados têm sido, na verdade, alvo de ataques pelas forças radicais do islamismo que foram organizadas e treinadas para lutar uma Guerra Santa contra a URSS, vinte anos atrás, e logo a seguir começaram a traçar suas próprias prioridades, ou seja, disseminar o raio de alcance do terrorismo que praticavam, iniciando pelo assassinato do presidente egípcio, Sadat.

***Você acredita que um ataque contra o Afeganistão seja uma "guerra contra o terrorismo"?***

Um ataque contra o Afeganistão, muito provavelmente, matará um número enorme de civis inocentes e também, provavelmente, fará muitas outras vítimas, um imenso número delas, na verdade, pois se trata de um país em que milhões de pessoas já estão morrendo de fome. Uma matança desenfreada de civis é terrorismo, e não uma guerra contra o terrorismo.

***Você conseguiria imaginar como ficaria a situação se o ataque terrorista aos EUA tivesse acontecido durante a noite, quando muito poucas pessoas estivessem no WTC? Em outras palavras, se fossem poucas as vítimas o governo americano reagiria da mesma maneira? Até que ponto o governo está sendo influenciado pelo simbolismo do desastre, ou seja, o fato de que foram o Pentágono e as Torres Gêmeas os alvos atingidos?***

Duvido que isso fizesse qualquer diferença. Teria sido um crime horrendo, mesmo que o número de vítimas fosse bem menor. O Pentágono é mais do que um símbolo, por razões que não precisamos comentar. Quanto ao World Trade Center, mal sabemos o que os terroristas tinham em mente quando o bombardearam em 1993 e, depois, quando o destruíram, em 11 de setembro. Mas podemos estar absolutamente convictos quanto ao fato de ter pouco a ver com a "globalização", "imperialismo econômico" ou "valores

culturais", assuntos que são absolutamente desconhecidos por bin Laden e seus associados ou outros radicais islâmicos, como aqueles postos na cadeia pelas bombas de 1993. Nenhuma dessas questões os preocupa, assim como não se preocupam, evidentemente, com o fato inegável de que as atrocidades que cometem, há anos, causam enorme dano às populações mais pobres e oprimidas do mundo muçulmano e de outros lugares, e que isso vá se repetir em conseqüência ao 11 de setembro.

Entre suas vítimas diretas estão os palestinos, que se encontram sob ocupação militar, e os responsáveis pelos atentados com certeza têm conhecimento disso. São outras as suas preocupações, e bin Laden, em várias entrevistas, tem sido pelo menos eloqüente o bastante em expressar o que essas populações desejam: derrubar os governos corruptos e repressores do mundo árabe, e substituí-los por regimes "islâmicos" ortodoxos, apoiar os muçulmanos em sua luta contra os infiéis na Arábia Saudita (que ele entende como um país sob a ocupação dos EUA), Chechênia, Bósnia, Oeste da China, Norte da África e Sudeste da Ásia - e talvez em outros lugares.

É bastante conveniente para os intelectuais do Ocidente falar de "causas mais profundas", tais como ódio contra os valores ocidentais e o progresso. Essa é a maneira usual de evitar questões sobre a origem do próprio bin Laden e de sua rede terrorista, assim como sobre as práticas e atos

que levaram à disseminação do ódio, do medo e do desespero por toda aquela região, gerando um reservatório de sentimentos contrários aos EUA, do qual as células islâmicas terroristas podem se abastecer. Como as respostas a essas questões são bastante claras, embora inconsistentes segundo a doutrina oficial, é melhor descartar este aspecto do problema como "superficial" e "insignificante", e nos voltarmos para as "causas mais profundas", que, na verdade, são mais superficiais, mesmo que, em certa medida, sejam relevantes.

### *Deveríamos chamar o que está acontecendo agora de guerra?*

Não existe uma definição precisa de "guerra". As pessoas falam em "guerra contra a pobreza", "guerra contra as drogas" etc. O que se está delineando, entretanto, não é um conflito entre nações, embora possa se tornar algo assim.

### *Podemos falar num choque entre duas civilizações?*

É uma maneira de falar que acompanha o que está em voga, mas que faz pouco sentido. Sugiro que percorramos rapidamente uma história que nos é bastante familiar. O Estado islâmico mais populoso do mundo é a Indonésia, um dos favoritos dos EUA, desde que Suharto tomou o poder em 1965, quando as forças armadas promoveram massacres que vitimaram centenas de milhares de pessoas, a maioria

camponeses sem terra, e tudo com o auxílio dos EUA, acompanhado de um surto de euforia no Ocidente que nos causa tanto constrangimento lembrar, que foi, efetivamente, apagado de nossa memória. Suharto continuou sendo o "tipo do cara de que eu gosto", como a administração Clinton o denominou, enquanto perpetrava os mais horrendos recordes em número de vítimas de carnificinas, torturas e outros absurdos do final do século XX. O mais extremado Estado fundamentalista, depois do Talibã, é a Arábia Saudita, cliente preferencial dos EUA desde a sua fundação. Nos anos 1980, os EUA, conjuntamente com a inteligência paquistanesa (e ajudados pela Arábia Saudita, Inglaterra e outros), recrutaram, armaram e treinaram os fundamentalistas islâmicos mais radicais que puderam encontrar, com o objetivo de causar o maior dano possível aos soviéticos no Afeganistão. Como Simon Jenkins observa no Times, de Londres, esses esforços "destruíram um regime moderado e criaram um substituto do tipo fanático, a partir de grupos afoitamente financiados pelos americanos" (a maior parte do dinheiro foi, provavelmente, saudita). Um dos beneficiários indiretos foi ninguém menos que Osama bin Laden.

Caso semelhante ocorreu nos anos 1980, quando os EUA e a Grã-Bretanha prestaram forte apoio ao seu amigo e aliado Saddam Hussein - um indivíduo mais secular, sem dúvida, embora ainda no lado islâmico do confronto -, e isso

exatamente no período em que ele cometia suas piores atrocidades, inclusive a utilização de gases contra os curdos, e muito mais.

Ainda nos anos 1980, os EUA entraram numa terrível guerra na América Central, que resultou em 200 mil cadáveres torturados e mutilados, milhões de órfãos e refugiados, e quatro países devastados. Um dos alvos principais visados pelos EUA era a Igreja Católica, que cometera o deplorável pecado de adotar "a opção preferencial pelos pobres".

No início dos anos 1990, principalmente movido pelas cínicas motivações do poder, os EUA escolheram os muçulmanos bósnios, e não em benefício destes, como seus clientes nos Bálcãs.

Sem me alongar, onde exatamente está essa fronteira entre "civilizações"? Devemos concluir que exista um "confronto entre civilizações", com a Igreja Católica da América Latina de um lado, e os EUA e o mundo muçulmano, incluindo aí os piores assassinos e os mais fanáticos elementos religiosos, do outro lado? Claro que não estou sugerindo um absurdo desses. Mas o que devemos concluir, acuradamente, em bases racionais?

***Você acha que estamos utilizando a palavra "civilização" apropriadamente? Um mundo realmente civilizado nos levaria a uma guerra global, nos termos que estamos vendo?***

Nenhuma sociedade civilizada toleraria nada do que eu mencionei, e que não passa de um mero exemplo até mesmo da história dos EUA - e a história da Europa é ainda pior. Com toda a certeza, nenhuma "sociedade civilizada" mergulharia o mundo numa guerra abrangente, em vez de seguir os procedimentos prescritos pelas leis internacionais, de acordo com precedentes bastante notórios.

***Os atentados têm sido chamados de atos de ódio. De onde você acredita que venha esse ódio?***

O ódio é a maneira de se expressar dos islâmicos radicais mobilizados pela CIA e seus associados. Os EUA se dispuseram a apoiar, com satisfação, o ódio e a violência deles quando era dirigida contra os inimigos dos EUA; e ficaram contrariados quando o ódio que ajudaram a gerar foi dirigido contra eles próprios e seus aliados, como tem acontecido, repetidamente, há vinte anos. Já quanto à população da região, uma categoria bastante distinta, os seus sentimentos não têm razões obscuras. As origens desses sentimentos também são fartamente conhecidas.

***O que você sugere como linha de ação para os cidadãos ocidentais no sentido de se restabelecer a paz?***

Isso depende do que esses cidadãos desejam. Se querem promover uma escalada de violência, num padrão já bastante familiar, deveriam conclamar os EUA a cair na "arapuca diabólica" de bin Laden e sair massacrando civis inocentes. Se querem reduzir o índice de violência, deveriam usar a sua influência para dirigir as grandes potências para um novo rumo, de acordo com o que esbocei anteriormente, e que, insisto, possui amplos precedentes. Isso inclui a vontade de vasculhar que mentiras estão por trás das atrocidades cometidas. Muitos dizem que não devemos levar em consideração essas questões, porque funcionam como justificativas para o terrorismo, mas esta é uma posição tão tola e destrutiva, que nem merece ser comentada, embora, infelizmente, seja bastante freqüente. No entanto, se não desejamos colaborar para disseminar a violência, que faria vítimas também entre os ricos e poderosos, isso é exatamente o que devemos fazer, como em todos os demais casos, inclusive posturas muito familiares na Espanha.

*[Nota do Editor: Chomsky está sendo entrevistado pela imprensa espanhola, e esta é a razão de sua referência à Espanha.]*

***Os EUA não "pediram" por estes atentados? Eles não são uma consequência da política americana?***

Os atentados não são uma consequência direta da política americana. Mas, indiretamente, são: não há a mínima controvérsia a esse respeito. Parece haver pouca dúvida quanto ao fato de os responsáveis virem de uma rede de terrorismo que tem suas raízes nos exércitos mercenários que foram organizados, treinados e armados pela CIA, Egito, Paquistão, pela inteligência francesa, pelos fundos provenientes da Arábia Saudita e similares. A história desse episódio permanece de alguma forma obscura. A organização dessas forças iniciou-se em 1979, se dermos crédito ao Consultor de Segurança Nacional do governo Carter, Zbigniew Brzezinski. Ele afirma, e pode não estar contando vantagem, que em meados de 1979 estimulou um apoio secreto à luta dos *mujahidin* contra o governo do Afeganistão, de modo a atrair os russos para o que chamou de "arapuca afegã", uma expressão que vale a pena retermos na memória. Ele se mostrou bastante orgulhoso do fato de ter conseguido que os russos caíssem nessa "arapuca afegã", enviando forças militares para apoiar o governo, seis meses mais tarde, com as consequências que todos conhecemos. Os EUA, juntamente com seus aliados, reuniram um enorme exército mercenário, composto talvez de mais de 100 mil homens, arregimentados dos setores mais radicais que puderam encontrar, que eram justamente os islâmicos radicais, também chamados de "islâmicos fundamentalistas", e isso trazendo homens de todas as partes, principalmente de

fora do Afeganistão. São os chamados *afeganis*, mas, assim como bin Laden, muitos deles vêm de outros países.

Bin Laden juntou-se a esse exército em algum momento dos anos 1980. Ele estava envolvido com as redes de arrecadação de fundos, que provavelmente ainda existem. Essas forças lutaram uma guerra santa contra os invasores russos. E desencadearam o terror no próprio território russo. Eles venceram a guerra, e os invasores russos bateram em retirada. Mas a guerra não era a única ocupação que tinham. Em 1981, forças organizadas a partir daqueles mesmos grupos assassinaram o presidente do Egito, Anwar Sadat, que foi um instrumento de peso na formação do exército mercenário. Em 1983, um atentado suicida a bomba, talvez ainda relacionado a essas mesmas forças, foi decisivo para a retirada das forças americanas do Líbano. E a coisa continuou.

Já em 1989, haviam vencido a guerra santa no Afeganistão. Logo que os EUA estabeleceram uma presença militar permanente na Arábia Saudita, bin Laden e seus pares anunciaram que, do seu ponto de vista, tal fato se comparava à ocupação do Afeganistão pelos russos, e assim voltaram suas armas contra os americanos, como já havia acontecido em 1983, quando os EUA tinham forças militares no Líbano. A Arábia Saudita é o principal inimigo de bin Laden e de sua rede, assim como o Egito. É o que eles pretendem derrubar, o que denominam de governos não-islâmicos do Egito, Arábia

Saudita e de outros países do Oriente Médio e do Norte da África. E a coisa continuou.

Em 1997, eles assassinaram brutalmente sessenta turistas no Egito, destruindo a indústria do turismo do país. E têm promovido ações por toda a região, além de se estenderem para o Norte e o Leste da África, o Oriente Médio, os Bálcãs, a Ásia Central, o Oeste da China, o Sudeste da Ásia e os EUA - isso há anos. Sempre o mesmo grupo. E tudo isso é um desmembramento das guerras dos anos 1980, e, se dermos crédito a Brzezinski, o processo começou anteriormente, ao ser armada a "arapuca afegã". Além do mais, como é notório a quem tem sua atenção voltada para a região, os terroristas se alimentam de uma reserva de desespero, raiva e frustração que atinge ricos e pobres, desde a sociedade secular até os islâmicos radicais. Tudo isso tem raízes, em larga medida, nas políticas americanas, como se torna evidente e é expresso com bastante frequência por aqueles que desejam dar atenção aos fatos.

***Você disse que os principais adeptos do terrorismo são países como os EUA, que usam a violência por motivos políticos. Quando e onde?***

Trata-se de uma questão desconcertante. Como já disse em outras ocasiões, os EUA são o único país que já foi condenado pela Corte Mundial por terrorismo internacional - ou por

"uso ilegal da força" com objetivos políticos -, e a sentença ordenou-lhes que pusessem fim a tal prática criminosa e pagassem substanciais reparações por conta dela. Os EUA, é claro, não levaram em consideração o julgamento da Corte Mundial e chegaram mesmo a desdenhá-lo, reagindo com um recrudescimento da escalada de terrorismo contra a Nicarágua e vetando a resolução do Conselho de Segurança que conclamava todos os Estados a obedecer às leis internacionais (foi voto isolado, junto com Israel e, em determinada circunstância, com El Salvador, contra uma resolução semelhante da Assembléia-Geral). A guerra terrorista se expandiu, em consonância com a política oficial de atacar "alvos *soft*" - civis indefesos, como, por exemplo, cooperativas agrícolas e postos de saúde -, em vez de enfrentar o exército nicaraguense. Os terroristas só foram capazes de executar sua missão graças ao completo controle do espaço aéreo nicaraguense pelos EUA e pelos avançados recursos de comunicação fornecidos a eles por seus supervisores.

Deve-se deixar claro também que essas ações terroristas foram amplamente aprovadas. Um proeminente comentarista, Michael Kinsley, no extremo liberal da principal corrente de opiniões, afirmou que deveríamos não apenas descartar as justificativas do Departamento de Estado para os ataques terroristas a "alvos *soft*"; ele escreveu que "uma política mais sensível" deve "defrontar-se com o teste

da análise custo-benefício", uma análise "do montante de sangue e sofrimento que custará contra a possibilidade de que a democracia possa emergir no final" - "democracia" como os EUA entendem o termo, uma interpretação exemplificada com enorme clareza na região. Não se questiona o direito de as elites americanas conduzirem tal análise e prosseguirem com seu projeto, caso suas atitudes sejam aprovadas nos testes.

Ainda mais dramática foi a idéia de que a Nicarágua ter o direito de defender-se ser considerada ultrajante por todo o principal espectro do pensamento político nos EUA. Estes pressionaram seus aliados para que interrompessem o fornecimento de armas à Nicarágua, ansiando por que o país se aproximasse da Rússia, como de fato aconteceu, já que com isso teriam em mãos uma imagem conveniente em termos propagandísticos. A administração Reagan, repetidamente, lançou rumores de que a Nicarágua estaria recebendo aviões a jato da Rússia - para proteger seu espaço aéreo, como era de conhecimento público, e para prevenir-se contra os ataques terroristas dos EUA contra "alvos *soft*". Os rumores eram falsos, mas a reação foi bastante instrutiva. Os conciliadores questionaram tais rumores, mas dizendo que, se fossem verdadeiros, é claro que deveríamos bombardear a Nicarágua, porque o país se tornaria uma ameaça a nossa segurança. Pesquisas de dados informatizados mostraram que sequer foi insinuado o direito de a Nicarágua se defender. Isso

comprova o grau de enraizamento da "cultura do terrorismo", que prevalece na civilização ocidental.

E este não é em absoluto o exemplo mais extremado. Eu o menciono porque não pode haver controvérsias a respeito, dada a decisão da Corte Mundial, e porque os inúteis esforços da Nicarágua de se valer dos meios legais, em vez de soltar bombas em Washington, proporcionam um modelo de ação para a situação atual não sendo o único. A Nicarágua era apenas uma peça da guerra terrorista promovida por Washington na América Central, naquela década terrível, e que deixou como resultado centenas de milhares de mortos e quatro países arruinados.

Na mesma época, os EUA estavam promovendo uma guerra terrorista em larga escala em outros lugares do mundo, inclusive no Oriente Médio. Para citar apenas um exemplo, o carro-bomba em Beirute, em 1985, estacionado do lado de fora de uma mesquita e com o timer ajustado para explodir no momento em que mataria o maior número de civis, redundou em 80 mortos e 250 feridos. O alvo era um xeique muçulmano, que escapou ileso. Os EUA, igualmente, apoiaram terror ainda mais hediondo: por exemplo, a invasão do Líbano, promovida por Israel, que matou algo em torno de 18 mil civis entre libaneses e palestinos, e que não teve nada a ver com autodefesa, como no próprio ato foi reconhecido. E ainda as cruéis atrocidades do "punho de ferro", realizadas nos anos que se seguiram, todas dirigidas contra "vilarejos

terroristas", de acordo com Israel. E também as subseqüentes invasões de 1993 e 1996, ambas contando com forte apoio dos EUA (até a reação internacional ao massacre de Qana, em 1996, que forçou Clinton a recuar). O número de vítimas somente no Líbano, posterior a 1982, provavelmente acrescentaria outros 20 mil civis.

Nos anos 1990, os EUA forneceram 80% das armas que a Turquia utilizou para esmagar a insurreição dos curdos, no Sudeste de seu território, matando dezenas de milhares de pessoas e deixando entre 2 e 3 milhões de desabrigados, além de 3.500 vilas destruídas (7 vezes o que ocorreu em Kosovo, com o bombardeio da OTAN), uma guerra na qual foram cometidos todos os tipos de atrocidades. As armas continuaram a chegar fartamente em 1984, quando a Turquia desencadeou seu ataque terrorista e somente começaram a declinar, aproximando-se dos níveis anteriores, por volta de 1999, quando as atrocidades já haviam atingido o seu objetivo. Então, em 1999, a Turquia perdeu o posto de maior destinatário das armas americanas (junto com Israel e Egito) para a Colômbia, país onde mais se violaram os direitos humanos em todo o Hemisfério, nos anos 1990, mas, ainda assim, o líder, por larga margem, entre os que recebem armas e treinamento militar dos EUA, seguindo um padrão constante.

No Timor Leste, os EUA (e a Inglaterra) continuaram apoiando os agressores indonésios, que já haviam dizimado

um terço da população graças à crucial ajuda americana. O fornecimento de armas prosseguiu até as atrocidades ocorridas em 1999, com milhares de pessoas assassinadas, mesmo antes do ataque final, em setembro, que expulsou de suas casas 85% da população e destruiu 70% do país - enquanto a administração Clinton alegava que a situação era da "responsabilidade do governo da Indonésia, e não podemos tirar esta responsabilidade deles".

E isso se deu em 8 de setembro, bem depois das atrocidades de setembro terem sido relatadas. Mas, nessa época, Clinton já estava submetido a enorme pressão no sentido de fazer qualquer coisa que diminuísse o ritmo dessas atrocidades, pressão essa proveniente principalmente da Austrália, mas também do próprio povo norte-americano. Alguns dias mais tarde, a administração Clinton comunicou aos generais indonésios que a brincadeira havia terminado. Eles instantaneamente mudaram de curso. Até então, vinham insistindo convictamente que nunca deixariam o Timor Leste, e haviam chegado de fato a instalar defesas na parte indonésia, o Timor Oeste (usando aviões a jato que a Inglaterra continuava a enviar), para afastar a ameaça de uma intervenção com uso da força. Quando Clinton deu a ordem, mudaram radicalmente a postura, anunciando que iriam se retirar e permitindo que as forças de paz da ONU, comandadas pela Austrália, entrassem no país sem nenhuma resistência das suas forças armadas. O curso dos fatos mostra

de maneira bastante minuciosa o poder latente sempre à disposição de Washington, e que poderia ter sido usado para impedir 25 anos de genocídio virtual, culminando numa nova onda de atrocidades desde o início de 1999. Em vez disso, sucessivas administrações dos Estados Unidos, com a adesão da Inglaterra e de outros países, quando as atrocidades começaram, preferiram prestar apoio de peso, tanto militar quanto diplomático, aos assassinos - ao "tipo de cara de que eu gosto", como a administração Clinton descreveu o carniceiro presidente Suharto. Esses fatos, tão dramáticos que falam por si, identificam sem sombra de dúvida o *locus* principal da responsabilidade por esses 25 anos de crimes terríveis - que, na verdade, prosseguem em hediondos campos de refugiados no lado indonésio, o Timor Oeste.

Podemos igualmente aprender bastante sobre a civilização ocidental no momento em que este vergonhoso episódio é alardeado como prova de nossa recente dedicação à "intervenção humanitária" e uma justificativa para a OTAN bombardear a Sérvia.

Já mencionei a devastação da sociedade civil iraquiana, com cerca de 1 milhão de mortos, mais da metade composta de crianças pequenas, de acordo com rei aros que simplesmente não podem ser ignorados.

Mas se trata apenas de uma ínfima amostra. Francamente, estou surpreso com o faro de essa questão poder ser levantada - particularmente na França, que fez sua

contribuição própria para o estado de terror e violência, de conhecimento público.

*[Nota do editor: Chomsky está sendo entrevistado pela imprensa francesa aqui, e por isso a referência à França.]*

***Há uma unanimidade nas reações dos EUA? Você compartilha dessa unanimidade, parcial ou totalmente?***

Se você se refere à reação de indignação quanto ao atentado, criminoso e hediondo, e à solidariedade em relação às vítimas, então temos uma reação virtualmente unânime, e isso em todos os lugares do mundo, inclusive em países muçulmanos. Claro que toda pessoa lúcida compartilha totalmente desse sentimento, e não "em parte". Agora, se está se referindo ao apelo para uma retaliação assassina, que, com toda a certeza, matará inúmeros inocentes - e, aliás, irá atender às preces mais fervorosas de bin Laden -, então essa "reação unânime" não existe, a despeito da impressão superficial que se possa ter a partir dos noticiários de TV. Quanto a mim, alinho-me com uma enormidade de pessoas que se opõem a tais ações. Uma enormidade de pessoas.

Ninguém pode dizer qual é o sentimento da maioria; trata-se de algo por demais difuso e complexo. Mas "unanimidade"? Não, com toda a certeza, exceto quanto à natureza do crime cometido.

***Você condena o terrorismo? Como poderemos determinar quando um ato é terrorismo e quando é um ato de resistência contra um tirano ou uma força de ocupação? Em qual categoria você classifica os recentes atentados contra os EUA?***

Entendo o termo "terrorismo" exatamente no sentido definido nos documentos oficiais dos EUA: "o uso calculado da violência ou da ameaça de violência para atingir objetivos políticos, religiosos ou ideológicos, em sua essência, sendo isso feito por meio de intimidação, coerção ou instilação do medo". De acordo com essa definição - aliás, inteiramente apropriada -, os recentes atentados contra os EUA foram, sem dúvida, um ato de terrorismo; de fato, um horrendo crime terrorista. Dificilmente iremos encontrar qualquer divergência quanto a isso, em todo o mundo, e nem deveria haver nenhuma, realmente.

Mas, junto com o significado literal do termo e da citação pura e simples dos documentos oficiais americanos, também há um uso propagandístico, que desafortunadamente é a definição padrão: o termo "terrorismo" é usado para designar atos terroristas cometidos por inimigos contra nós ou nossos aliados. Este uso para efeitos de propaganda é praticamente universal. Todos "condenam o terrorismo", neste sentido do termo. Até mesmo os nazistas condenaram

duramente o terrorismo e promoveram atos que chamavam de "contraterrorismo" contra os *partisans* terroristas.

Os EUA, basicamente, concordam com tal postura, já que organizaram e coordenaram um "contraterrorismo" similar na Grécia e em outros lugares nos anos pós-guerra.

***[Nota do editor: O entrevistador aqui é um jornalista grego, daí a referência de Chomsky à Grécia.]***

Além disso, os programas antiinsurrecionais dos EUA são derivados, de modo bastante explícito, do modelo nazista, que foi tratado com toda a consideração: oficiais da Wehrmacht foram consultados, e seus manuais, utilizados, ao se delinearem esses programas antiinsurrecionais, disseminados por todo o mundo, denominados caracteristicamente de "contra terrorismo", assunto estudado, meticulosamente, num importante trabalho de Michael McClintock. Estabelecidas essas convenções, as mesmas pessoas e seus atos podem ter sua denominação mudada da categoria de "terroristas" para a de "defensores da liberdade" e, de novo, para "terroristas". Isso tem acontecido bem perto da Grécia.

A KLA-UCK foi oficialmente condenada pelos EUA como "terrorista" em 1998, por conta de seus ataques contra a polícia sérvia e civis, num esforço de deflagrar uma resposta brutal e desproporcional da Sérvia, como declarou

abertamente. Ainda em janeiro de 1999, os ingleses - os membros mais destemperados na defesa da via belicista nessa questão na OTAN - acreditavam que a KLA-UCK fosse responsável por um número de mortes maior do que a Sérvia, o que é difícil de acreditar, mas pelo menos nos diz alguma coisa sobre a percepção dos fatos na mais alta cúpula da OTAN. Se é possível dar crédito à fartíssima documentação produzida pelo Departamento de Estado, pela OTAN, pela OSCE\* e por outras fontes ocidentais, nada de substancial mudou até a retirada dos monitores KVM e o bombardeio, em março de 1999. Mas a política mudou: os EUA e a Grã-Bretanha decidiram desfechar um ataque sobre a Sérvia, e os "terroristas" tornaram-se imediatamente "defensores da liberdade". Depois da guerra, os "defensores da liberdade" e seus associados mais próximos tornaram-se de novo "terroristas", "bandidos" e "assassinos", quando promoveram o que, do seu ponto de vista, seriam atos similares, e por razões também similares, na Macedônia, uma aliada dos EUA.

Todos condenam o terrorismo, mas temos de nos perguntar o que ele significa. Todos podem esclarecer suas dúvidas sobre a minha compreensão do assunto em muitos artigos e livros que já escrevi sobre o terrorismo nas últimas décadas, embora eu use o termo em seu sentido literal e, portanto, condene todas as ações terroristas, e não apenas aquelas que são assim chamadas por razões propagandísticas.

\* *Organization for Security and Co-operation in Europe. (N. T.)*

***O islã é tão perigoso assim para a civilização ocidental? Será que o modo de vida ocidental constitui uma ameaça para a espécie humana?***

A questão é tanto ampla quanto vaga demais para que eu possa respondê-la. No entanto, deve ficar claro que os EUA não encaram o islã como um inimigo, ou vice-versa.

Quanto ao "modo de vida ocidental", isso inclui uma enorme variedade de elementos, muitos deles admiráveis, muitos adotados com entusiasmo pelo mundo islâmico, e muitos criminosos e até mesmo constituindo uma ameaça à sobrevivência da espécie humana.

No que se refere à "civilização ocidental", talvez precisemos levar em consideração as palavras atribuídas a Gandhi. Quando perguntado a respeito do que achava da "civilização ocidental", ele respondeu que poderia ser uma boa idéia.

***Capítulo extraído do livro "11 de Setembro", de CHOMSKY, Noam. Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 2002.***